

Director: João Govern

170\$00 ■ ANO XIII ■ 681
Semanário ■ 27 de Junho de 1991

SE7E

ANIVERSÁRIO
SUPLEMENTO
16
PÁGINAS

milton

JOE JACKSON
«SHOW» EM MADRID

DELFINOS
NOS GRANDES PALCOS



A NOVA ORDEM
DE JESSICA LANGE
E SAM SHEPARD

WILSON PHILIPS-ENTREVISTA
ANTÓNIO
DE PERDIÇÃO
OPERA
ESCREVEM

metheny

CONCERTÃO

osicom
computers
made in USA

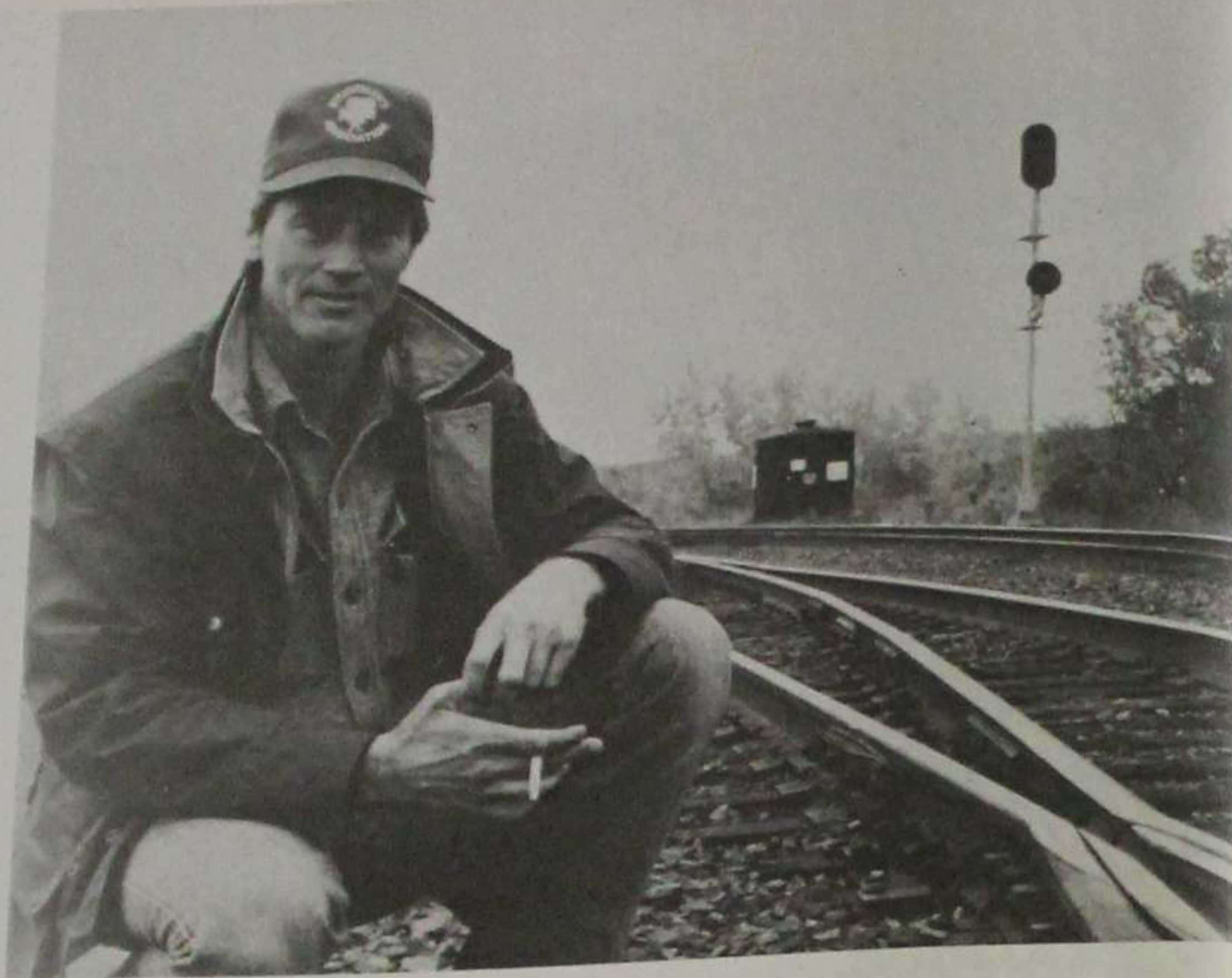
OSICOM
para si
que exige alta
performance

TRIUBUS
a sua melhor opção em informática

«Lua Falcão, «Crônicas Americanas», «Paris, Texas», «Country», «Loucos por Amor...», Faces várias de uma mesma epopeia que Sam Shepard registra no seu discurso de desenho. Americano

SAM SHEPARD

dos confins da América



«Parámos na planície, num sítio onde havia uns dinossauros em gesso, brancos, enormes, dispostos em círculo. Não havia nenhuma povoação à vista. Apenas aqueles dinossauros com luzes que os iluminavam a partir do chão. (...) Para ali vagueámos lentamente, de um lado para o outro, no meio dos dinossauros. Por debaixo das suas pernas. Sob as barrigas. À volta do Brontosaurus. Observando atentamente os dentes do Tyrannosaurus Rex. Todos tinham umas luzinhas azuis nos sítios dos olhos. Não se via ninguém nas redondezas. Só nós e os dinossauros.»

Este deserto quase tão libertador quanto opressivo é o cenário de eleição de Sam Shepard. Não pretendo tomar a parte pelo todo, será lícito afirmar que Shepard fixou em **Lua Falcão** e em **Crônicas Americanas** os desertos a que o associamos em definitivo, panos de fundo em si de uma escrita de constatação, mais do que de elaboração de causas.

Como escritor, Shepard é cadinho de uma América decalcada nas grandes distâncias que se percorrem «on the road» e que transportam o conceito-chave que resistiu às décadas pós anos 60: evasão.

Onde melhor que na aridez do Texas poderia ganhar sentido o absurdo da nostalgia de Paris, onde melhor que na imensidão da América dos contrastes todos poderem parar para constatar a inevitabilidade da distância e de um destino imponderável?

Uma virtude, duas, muitas mais: Sam Shepard registou a desmesura encantatória dos vazios pessoais que se consomem em escalas gigantescas e que simbolizam a difícil gestão do enorme pela pequenez humana. Isto é americano. Como o é o extravasar cultural além fronteiras do que já não se consegue conquistar por terra. Instâncias de princípio e fim onde cabe toda a estranheza da vida e da morte e onde se aborda o sentido

de um «entretanto» mais ou menos doloroso que as relações possíveis entre as pessoas justificam de algum modo. A estaticidade do deserto, Sam Shepard impõe a sua inquietude essencial sem exactamente a contrapor. Reflexo das raízes mais remotas e dos anos em viagem da infância, antes da fixação à terra num rancho perto de Los Angeles a que se seguiu uma corrida pelos Estados Unidos; atrás de tudo e de nada a registar que as coisas devem provavelmente ser assim.

«Há uma borboleta Monarch morta no passeio, em Ozona. A brisa fá-la vaguear de um lado para o outro. (...) Vi uma desabar do céu, na vertical, e esmagar-se na superfície negra da auto-estrada 10 Leste. Esta deve ser a época do ano em que as borboletas têm de morrer.»

Fragmentos sobre fragmentos de pessoas e de histórias pessoais parecem-me ser a forma mais significativa do imaginário recorrente de Shepard na sua escrita em geral. O que não exclui a intensidade dos momentos que as suas histórias contam nem a sua criação de histórias «tout-court». Falam no seu discurso de sensações milhares de vezes saídas de um mundo com mais solicitações que questões reais, mais urgências que distraem e afastam do que pode ser importante.

O que nos pode chocar é a diferença, poderia dizer Shepard no seu discurso cru, frio aqui e ali, de algum modo condenado a constatar a finitude irreversível de modos de ser e estar e a evidência das coisas simples pelas quais só se dá na depuração no entretenimento dos sentidos. A distância no tempo e no espaço, as suas memórias são eventualmente menos pessoais e mais adaptações ou ficções de referências mediáticas que nos impõem uma América que julgamos conhecer com a forma definitiva de um produto cultural.

Assim, no universo de Shepard, o seguinte texto é indissociável de um rancho perdido onde correm cavalos e o herói americano repete até ao infinito a viagem dentro de si em busca de referências de antes: «Por vezes há breves instantes que se dilatam, quando passo pela cozinha e o sol ilumina uma determinada cor das paredes. Caio numa fantasia em tons de azul pastel, de um tempo em que havia vacas leiteiras, muito pouca gente, e todas as pessoas se conheciam umas às outras, numa pequena aldeia americana isolada. (...) Estes eram os tempos em que eu devo ter sido pequeno, pois todos os rostos parecem maiores do que é normal.»

Músico, escritor/dramaturgo, argumentista, actor, director de actores, e agora realizador («Fas North»), Sam Shepard justifica a cada passo a lenda que persegue os americanos que parecem tão facilmente transformar-se em estrelas: «the new american hero». Como se um destino ancestral nascido na antiga Grécia corresse ainda hoje, e finalmente, a sossegar a inquietação de ser Homem.

■ Cristina PERES

ORDEM DE EXECUÇÃO

uma crónica americana

Estreou à pressão e ao pontapé, para variar. Por acaso é o primeiro filme dirigido por Sam Shepard que, por acaso, Jessica Lange protagoniza. Mas quem diabo serão esses tipos?

É muito a cara de Sam Shepard que se conhece dos livros e do teatro. A estreia na realização do actor mais «cool» dos últimos anos apresenta todos os índices que a sua obra (ver texto de Cristina Peres) deixava adivinhar. Ghama-se, no original, «Far North». Inevitavelmente.

As grandes distâncias, a imensidão do espaço americano percorrido até uma última fronteira indecifrável, uma espécie de rancho, lá para o Norte remoto. É aí que Shepard situa as pequenas histórias da história que conta, com um cavalo (what else?) por leitmotiv.

«Bertrum (o velho Charles Durning) is proud and stubborn as the land».

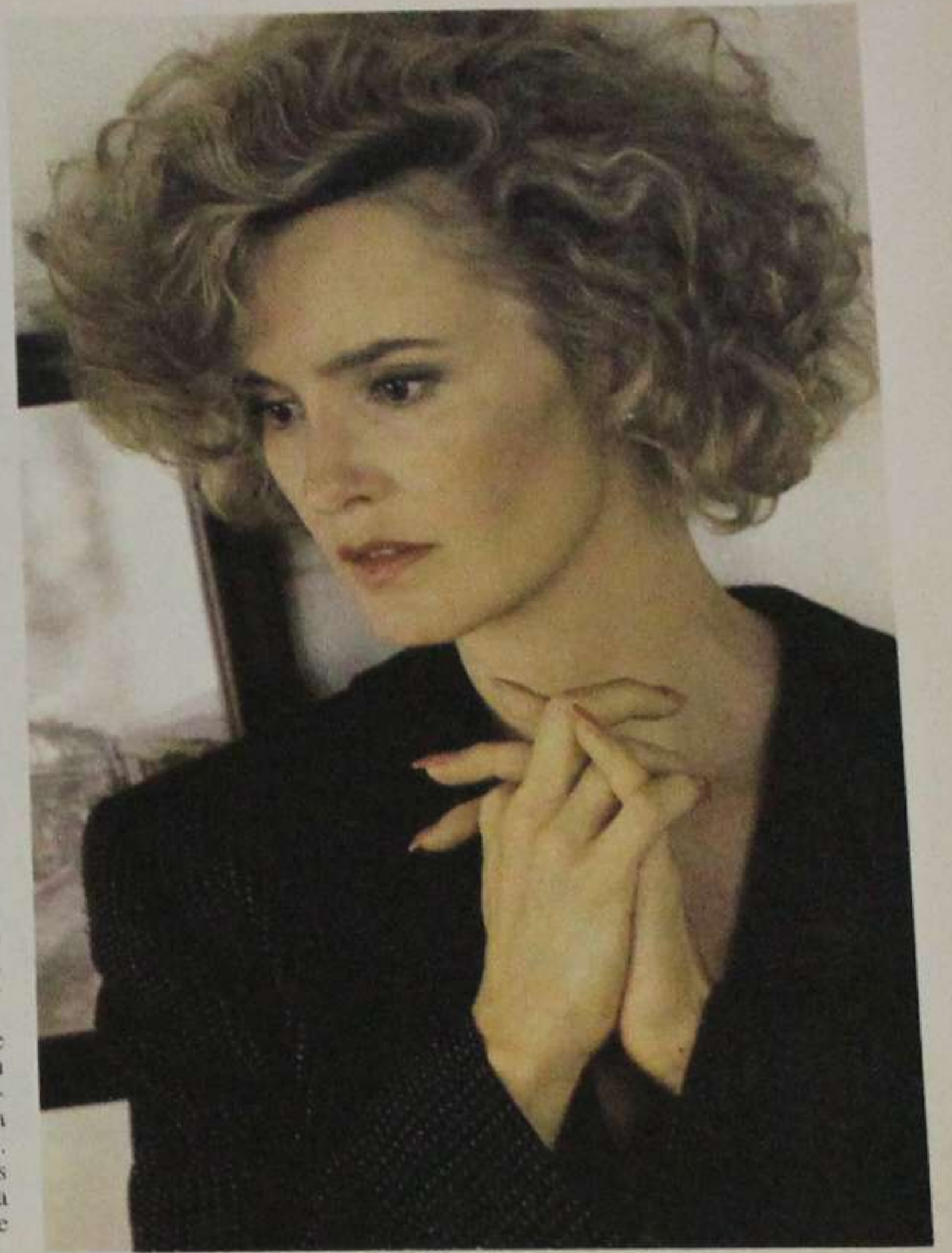
rezam as notas de produção. Assim é. O filme abre com o senhor, afogueado, a tentar travar o galope desenfreado do cavalo. Debalde. Internado no hospital, está inabalavelmente persuadido da importância do bicho (Mel) e que ninguém tente convencê-lo de que o incidente foi acidental. É o que tenta fazer ver à filha pródiga (Kate/Jessica Lange) que torna à terra a ver o pai largando a custo «a grande cidade» (Nova Iorque, evidentemente), onde voluntariamente se exilara. É este o pretexto para um reaquecimento da questão «família» que se

deixou, quanto mais novo melhor, em prol da liberdade e, passados uns tempos, provoca um enorme buraco no coração. Inexplicável e a preencher urgentemente. É assim que Kate, perante a hipótese de perder para sempre o pai, quer fazer algo por ele, a qualquer preço. Abater o maldito cavalo, é o que ele quer, e ela que nunca disparou uma arma. Eis o dilema que vai ressuscitar as rivalidades antigas com a irmã (a quem o animal é particularmente caro), a reaproximação à mãe cujo mundo de sonho está definitivamente «beyond the hospital» (segundo o pai), ao tio alcoólico, à avó e à sobrinha, jovem muito jovem sexualmente hiperactiva.

Quase nada como argumento, parece. E, no entanto, é de longe o aspecto mais conseguido do filme. Al Shepard joga em casa (recoremos «Paris, Texas»), manuseando à vontade a estratégia de crueza e fragmentação narrativa que tão admiravelmente domina. A aparente frieza com que a câmara enquadra os personagens tem em Jessica Lange (superlativa, como sempre) o contraponto perfeito. O grau zero da expressão que a actriz habitualmente cultiva não podia ser mais adequado ao universo rarefeito de Sam Shepard. Nos

seus estranhos sorrisos, a despontarem quase sem querer, está toda a inquietação de quem quer mas não sabe bem como, tentar o calor e colar os bocadinhos até fazerem sentido. É um rosto que precisa de uma câmara que resgata toda a gama de possibilidades que oferece. O mesmo já não acontece com as matérias de Sam Shepard. Exploradas no palco com assinalável sucesso («Loucos de Amor» esteve recentemente em cena em Lisboa) carecem de uma mestria de ordem radicalmente diferente quando transpostas para o ecrã. Wim Wenders acertou a mão onde o próprio Sam Shepard falha rotundamente. Teriam de ser outros os enquadramentos, havia de existir, em suma, uma «mise-en-scène» capaz de dar conta de tão etérea e íntima matéria.

Não é fácil. Não é líquido sequer que um bom actor dê um bom realizador, ou um bom dramaturgo um bom encenador. Tenho pena que esta não seja a estreia auspiciosa no cinema, Sam. Escusado será dizer que se tivesse inventado um personagem com a tua cara tudo isto mudaria um pouco de figura. ■ Teresa CARMO



70% dos aplausos do concerto de Paul Simon estão nas nossas mãos.

O BCI gosta muito de Paul Simon. Gosta tanto, que resolveu comprar 70% dos bilhetes do concerto de 20 Julho, que Paul Simon vai realizar em Lisboa. Passe por uma das 65 agências BCI espalhadas por todo o país, e leve o seu aplauso.

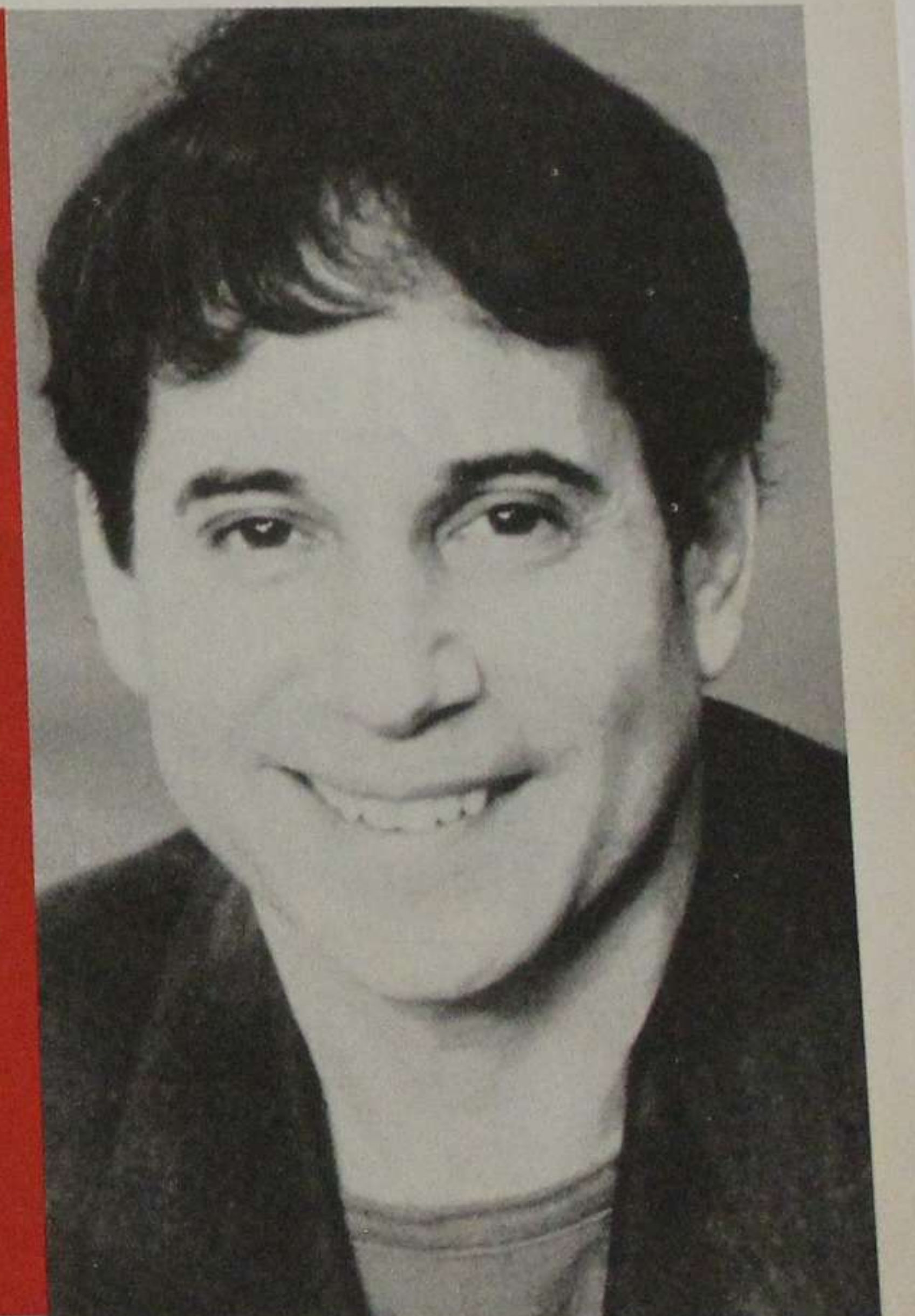
“20 anos de Paul Simon”
Lisboa, 20 de Julho, às 21 horas. Estádio de Alvalade.

Relvado e Bancada Topo Sul	Bancada Nova	Bancada Central
3.500\$00	4.500\$00	5.000\$00



Banco de Comércio e Indústria

E tudo fica mais fácil.



altro



A ESCRITA MÁGICA



caneta com ponta tubular, espessura de traço F ou M para todos os tipos de escrita

rotring